

Japão vê Brasil em crise de credibilidade

BELO HORIZONTE — Credores de mais de 10 bilhões de dólares, os bancos japoneses decidirão, até o final de setembro, pela elevação de suas reservas, para compensar as possíveis perdas com o Brasil. Além disso, já está definido que o governo do Japão não cederá dinheiro novo ao Brasil, se este não se submeter ao monitoramento do FMI-Fundo Monetário Internacional, revelou ontem, em entrevista nesta capital, o presidente, no Brasil, do Banco do Tokyo, Toshiro Kobayashi, destacando que nosso país passa pela "pior crise de credibilidade".

— Quem hoje pode saber se a economia do Brasil vai bem? —, pergunta o executivo japonês, para quem "o tomador (o Brasil) tem dado informações muito subjetivas". — falta informação mais confiáveis — frisou Toshiro Kobayashi, fazendo questão de salientar que a maior parte do dinheiro que o Japão empresta a outros países tem como orientação as informações do FMI, Banco Mundial e, às vezes, do BID-Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Toshiro Kobayashi afirmou que a

moratória unilateral brasileira, suspendendo os pagamentos de 4 bilhões 300 milhões de dólares na conta de juros referentes a este exercício, despertou uma preocupação muito grande nos bancos. "Até aquela data, os bancos credores acreditavam que a economia do Brasil estava indo muito bem. Mas, hoje, qualquer título brasileiro tem um deságio de 45% no mercado externo", observou.

— O pensamento do governo do Japão é sempre o de aproveitar os canais internacionais (FMI, Bird e Bid) para as suas operações de âmbito internacional. Eu acho que o governo japonês deseja que o Brasil não fique fora desse contexto. Mas não acredito, também, que o governo japonês será muito rígido — disse Toshiro Kobayashi, para assinalar que o Banco de Tokyo, credor de 10% do montante que o Brasil deve ao Japão, "está sujeito às orientações do governo japonês".

Quanto à possibilidade do surgimento de um novo "monitor" para o Brasil, no caso, o Banco Mundial, o executivo japonês coloca um obstáculo para a sua

aprovação. Ele explicou que esse banco tem uma visão muito restrita da situação dos países onde atua, porque seus técnicos se atêm às pesquisas e análises que dizem respeito apenas aos projetos que estão sendo objeto de um financiamento externo. "É necessário que haja alguém que dê informações seguras, que mostre um quadro perfeito dentro do plano macroeconômico e conjuntural", observou Toshiro Kobayashi, ao defender o FMI como insubstituível nesse papel.

Já a conversão da dívida em investimentos, o presidente do Banco de Tokyo a classificou como sendo uma "medida muito interessante para o Brasil e para os credores. Investimento é sempre melhor que dívida", comentou. Ele garantiu que tanto o seu banco, quanto outros e até mesmo o governo do Japão aprovam a idéia, mas que, por enquanto, não existe nada definido. Mesmo assim, adiantou que o Banco de Tokyo poderia vir a transferir seus créditos para empresas japonesas já estabelecidas no Brasil e, também, para projetos novos, principalmente, na área de tecnologia de ponta.